

Automedicação e uso de antibióticos: análise qualitativa em uma comunidade virtual

Self-medication and antibiotic use: qualitative analysis in a virtual community

Automedicación y uso de antibióticos: análisis cualitativo en una comunidad virtual

Recebido: 20/07/2022 | Revisado: 29/07/2022 | Aceito: 04/08/2022 | Publicado: 13/08/2022

Claudia Marques Santa Rosa Malcher

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9252-2038>
Universidade Federal do Pará, Brasil
E-mail: claudiaufpa@gmail.com

Izabelly Biase Damasceno dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9332-292X>
Universidade Federal do Pará, Brasil
E-mail: ibiase24@gmail.com

Larissa dos Reis Farias

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0251-1579>
Universidade Federal do Pará, Brasil
E-mail: reislarissafarias@gmail.com

Elenilda da Conceição Ribeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5738-504X>
Universidade Federal do Pará, Brasil
E-mail: elenildaribeiro953@gmail.com

Letícia Vitória Garcia Miranda

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0547-8815>
Universidade Federal do Pará, Brasil
E-mail: lvgm007@gmail.com

Ellen Sabrinna dos Remédios Passos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6120-5881>
Universidade Federal do Pará, Brasil
E-mail: sabrinarp09@hotmail.com

Joyce Pantoja Braga

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3191-0077>
Universidade Federal do Pará, Brasil
E-mail: estudandooooo@gmail.com

Antônio Mendes de Oliveira Neto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5980-3866>
Universidade Federal do Pará, Brasil
E-mail: netomotorama20@gmail.com

Marcos Antônio da Silva Furtado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6022-3722>
Universidade Federal do Pará, Brasil
E-mail: furtadomarcosmed@gmail.com

Guilherme Marques Bastos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2981-8610>
Universidade Federal do Pará, Brasil
E-mail: profguilherme81@hotmail.com

Resumo

Os antibióticos foram uma grande revolução no mundo científico e no âmbito da saúde para a prática médica. Contudo, ainda que aproximadamente um século tenha sido transcorrido da descoberta da penicilina, até o presente momento observa-se um grande desconhecimento pela população em geral e também por parte dos profissionais a respeito da antibioticoterapia, o que gera dificuldades na sua realização de forma adequada. Em razão disso, aqui foi feito um estudo com a população residente no Pará a fim de avaliar o conhecimento destes sobre os antibióticos e a automedicação. Para isso, aplicou-se em uma comunidade virtual criada no *Instagram*, um questionário pelo *Google Forms* com seis perguntas norteadoras e realizada a análise de conteúdo de Bardin. Desse modo, obtiveram-se dentre os 50 participantes resultados sobre o conhecimento, as dificuldades e as consequências relacionadas ao uso de antibióticos. Notou-se que os problemas ainda a serem enfrentados são as recomendações terapêuticas insuficientes repassadas aos indivíduos pelos profissionais de saúde, a dificuldade de acesso e o conhecimento empírico trazido pelas pessoas. Portanto, é perceptível a importância desse tema na saúde, pois pode resultar em agravamento de enfermidades, logo, é necessário a conscientização dos riscos, da baixa adesão ao tratamento e seu estímulo ao uso apropriado, principalmente devido a pandemia de COVID-19 onde houve um maior aumento no uso irracional de antibióticos.

Palavras-chave: Automedicação; Antibióticos; Redes sociais online; Análise qualitativa; Pandemia.

Abstract

Antibiotics were a major revolution in the scientific world and in the field of health for medical practice. However, although approximately a century has elapsed since the discovery of penicillin, until the present moment there is a great lack of knowledge by the population in general and also by professionals about antibiotic therapy, which creates difficulties in its implementation in an adequate way. As a result, a study was carried out with the population residing in Pará in order to assess their knowledge about antibiotics and self-medication. For this, a questionnaire by *Google Forms* with six guiding questions was applied in a virtual community created on *Instagram* and Bardin's content analysis was carried out. Thus, among the 50 participants, results were obtained on knowledge, difficulties and consequences related to the use of antibiotics. It was noted that the problems still to be faced are the insufficient therapeutic recommendations passed on to individuals by health professionals, the difficulty of access and the empirical knowledge brought by people. Therefore, the importance of this topic in health is perceptible, as it can result in the aggravation of diseases, so it is necessary to raise awareness of the risks, of low adherence to treatment and encourage of appropriate use, mainly due to the COVID-19 pandemic where there was a greater increase in the irrational use of antibiotics.

Keywords: Self-medication; Antibiotics; Online social networking; Qualitative analysis; Pandemic.

Resumen

Los antibióticos supusieron una gran revolución en el mundo científico y en el campo de la salud para la práctica médica. Sin embargo, aunque ha transcurrido aproximadamente un siglo desde el descubrimiento de la penicilina, hasta el momento actual existe un gran desconocimiento por parte de la población en general y también de los profesionales acerca de la antibioticoterapia, lo que dificulta su implementación de manera adecuada. Como resultado, se realizó un estudio con la población residente en Pará para evaluar su conocimiento sobre antibióticos y automedicación. Para ello se aplicó un cuestionario de *Google Forms* con seis preguntas orientadoras en una comunidad virtual creada en *Instagram* y se realizó el análisis de contenido de Bardin. Así, entre los 50 participantes se obtuvieron resultados sobre conocimientos, dificultades y consecuencias relacionadas con el uso de antibióticos. Se observó que los problemas que aún deben ser enfrentados son las insuficientes recomendaciones terapéuticas transmitidas a los individuos por parte de los profesionales de la salud, la dificultad de acceso y el conocimiento empírico que traen las personas. Por lo tanto, es perceptible la importancia de este tema en salud, ya que puede resultar en el agravamiento de enfermedades, por lo que es necesario concientizar sobre los riesgos, de la baja adherencia al tratamiento y fomentar el uso adecuado, principalmente por la pandemia de COVID-19 donde hubo un mayor incremento en el uso irracional de antibióticos.

Palabras clave: Automedicación; Antibióticos; Redes sociales en línea; Análisis cualitativo; Pandemia.

1. Introdução

O início da era dos antibióticos começou em 1928 com a descoberta da penicilina por Alexander Fleming. A partir disso, deu-se princípio a uma revolução científica, não apenas no âmbito da medicina e saúde, mas também transformando diversas áreas, entre elas, a economia, agricultura e agropecuária. Portanto, a partir deste episódio, mais ênfase foi dada às pesquisas e descobertas de fármacos com potenciais revolucionários, assim como os antibióticos (Soares & Garcia, 2020). Por sua vez, o uso racional de medicamentos refere-se ao recebimento de um medicamento apropriado, na dose correta, por um tempo adequado, e em uma oferta de baixo custo para ele e a comunidade (World Health Organization, 2014).

O uso de antibióticos de forma errônea está se tornando cada vez mais presente no mundo, seja por uso próprio sem a consulta com um médico, por indicação de algum familiar, por sobras de medicamentos de tratamento anteriores ou por reaproveitamento de receitas antigas. Tais situações propiciam várias complicações, dentre elas a principal: a resistência aos antibióticos. Com isso, as bactérias que antes eram susceptíveis a certos medicamentos se tornam resistentes, aumentando a chance de infecções nosocomiais, onde a transmissão se dá pela água e alimentos contaminados com bactérias resistentes, enteropatia e diarreia entre outras (Rehman *et al.*, 2021).

Frente a essa situação, nas últimas décadas e no início do século XXI, houve o aumento na preocupação com as bactérias resistentes aos antibióticos. Para isso, cientistas de todo mundo alertam sobre a gravidade da resistência a esses medicamentos, bem como o aumento no número de bactérias resistentes, sendo esses responsáveis por ocasionar infecções de diversos tipos, a qual pode ser hospitalar ou comunitária (Lawrence, 2000), sendo considerado, atualmente, um problema de saúde quando se trata de controle de doenças infecciosas (Fidler, 1998).

Estudos recentes sobre o uso promíscuo de antibióticos na Europa demonstraram que apenas 50% da população possuía o conhecimento sobre a resistência a antibióticos com o processo de automedicação, bem como relataram que a informação sobre tal evento era menor em países onde o índice de resistência microbiana era maior (Rehman *et al.*, 2021). A resistência bacteriana ocasiona em média de 700.000 pessoas que vão ao óbito por ano no mundo, e além disso se estima que cerca de 10 milhões irão morrer, por ano, até 2050 devido essa resistência (IACG, 2019; O'Neill, 2014).

É válido ressaltar que os antibióticos têm como função tratar infecções estabelecidas ocasionadas por bactérias e, em alguns casos, prevenir possíveis infecções. Entretanto, o uso dos antimicrobianos de forma abusiva para tratar patologias que não são ocasionadas por bactérias e/ou prevenir a instalação de infecções, que não são produzidas por tal microrganismo, são observadas quando se analisam alguns motivos pelos quais os indivíduos os utilizam (Pasinato, 2011). Como um dos inúmeros exemplos, podemos citar o uso de antimicrobiano, em cerca de 60% dos casos, para tratar resfriado ou gripe, sendo essa uma condição ocasionada por vírus, a qual não responde a tal medicamento. Dessa forma, esse e outros eventos realizam a seleção de bactérias super-resistentes a multiantibióticos, propiciando o surgimento de diversas infecções nosocomiais, que, segundo estudos, são responsáveis por ocasionar mais óbitos do que a Síndrome da Imunodeficiência Humana (AIDS) nos Estados Unidos (Weckx, 2012).

Além disso, após a resolução da Anvisa RDC 20/2011 (Brasil, 2011), foi estabelecido que a venda de antibióticos por farmácias só seria possível mediante prescritor autorizado (Santos, 2017). Contudo, é imprescindível citar que outro motivo que leva ao uso indiscriminado de antibióticos é a permanência da comercialização sem a exigência da prescrição (Sampaio, et al., 2018).

Mesmo após mais de 10 anos do implemento dessa política que estabelece que a obtenção de antibióticos só é prevista após o receituário prescrito, ainda se prossegue fazendo uso de forma errônea, seja por algumas farmácias que não exigem o documento prescrito, ou por desinformação do indivíduo ao se automedicar, seja por alguma informação de familiar ou amigo, pesquisa pela internet, ou por fazer uso de comprimidos restantes de tratamentos anteriores com antibióticos, dentre outros.

2. Metodologia

Esta pesquisa foi aprovada pelo parecer 5.287.083 na Universidade Federal do Pará, possibilitando seguir no objetivo de avaliar o conhecimento, da população, que reside no estado do Pará, sobre a automedicação com antibióticos, bem como seus costumes frente ao uso, e os motivos e as razões que levam o indivíduo a realizá-la ou não. É importante salientar que o estudo respeitou as informações, privacidade e sigilo de cada participante, conforme prevê a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e os preceitos éticos definidos. Para isso, antes de iniciar a pesquisa, o informante expressou, por meio das respostas "aceito participar" ou "não aceito participar", como forma de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O presente estudo aplicou a pesquisa no período de 15 de março a 16 de maio de 2022. Foi usada como metodologia a análise de conteúdo de Bardin, a qual realiza um delineamento qualitativo (Bardin, 2012). A pesquisa qualitativa envolve uma inserção ampla do pesquisador, que necessita interpretar os dados coletados considerando o contexto e o meio no qual está inserido a população, para, dessa forma, compreender as abordagens e respostas. A partir da utilização da metodologia de Bardin, com inserção do pesquisador na exploração de dados, foi aplicado um questionário pelo *Google Forms*, veiculado pelo *Instagram*, delimitado para indivíduos maiores de 18 (dezoito) anos, do sexo feminino e masculino, residentes do estado do Pará, com um total de 50 (cinquenta) pessoas. O questionário possuía 6 (seis) perguntas norteadoras sobre o tema que foram escolhidos pelos pesquisadores, a partir de experiências próprias e leituras prévias em artigos, sendo elas:

1. O que são os antibióticos e para que servem?
2. Você fez uso de algum antibiótico durante a pandemia? Se sim ou não, por quê? Quais?
3. O que lhe motivou e/ou motiva a fazer o uso de antibióticos sem prescrição médica?
4. Quais os riscos gerados pela utilização de antibióticos?
5. Quais as orientações lhe deram sobre o uso de antibióticos quando lhe foi prescrito?
6. Você costuma usar o antibiótico como prescrito? Por quê?

A análise de conteúdo de Bardin foi aplicada, onde o objetivo é obter indicadores que auxiliem na inferência de conhecimentos relativos às condições de variáveis produzidas por essas mensagens (Bardin, 2012). Para isso, é necessário seguir 3 (três) fases: 1º- pré-análise (leitura flutuante e delimitação do que foi explorado); 2º- exploratória (codificação, classificação e categorização); 3º- tratamento (inferências).

3. Resultados e Discussão

No total de 50 participantes, 17 pessoas são do sexo masculino e 33 do sexo feminino. A faixa etária variou de 20 a 50 anos, predominando participantes entre a 2ª e a 3ª décadas de vida. A escolaridade foi de 35 participantes com nível superior e/ou cursando-o, 10 do Ensino Médio e 05 não preencheram. Com relação a renda média, apenas 10 participantes assinalaram acima de 4 (quatro) salários mínimos, com 40 pessoas na faixa de 1 (um) a 3 (três) salários.

A partir do conteúdo e da seleção das unidades de registros, formaram-se 5 (cinco) categorias:

1º categoria: Medicamentos que controlam, evitam, combatem e tratam infecções por bactérias

2º categoria: Seleção, resistência e reações adversas;

3º categoria: Dificuldade de acesso, orientações e conhecimento;

4º categoria: Interrupção ou falha no tratamento e aumento da eficácia.

5º categoria: Utilização em larga escala durante a pandemia, consciente e/ou inconsciente;

3.1 Medicamentos que controlam, evitam, combatem e tratam infecções por bactérias.

Observou-se o conhecimento dos participantes quanto a “função e finalidade” dos antibióticos, onde houve diversas especificações, como visualizadas a partir das falas abaixo:

“São medicamentos que combatem as bactérias”

“É um medicamento que combate infecções por microorganismos e elimina a multiplicação de bactérias.”

“Medicamentos para controle e tratamento de bactérias”.

A partir dessas e outras respostas, inferimos que uma boa parte dos participantes possuem um conhecimento prévio do que seria e qual é a finalidade da utilização dos antibióticos. Enquanto isso, uma pequena minoria não conseguiu cumprir com essa pergunta. Contudo, é possível constatar que a população pesquisada em geral detém informações sobre os antibióticos.

Os antimicrobianos podem ser naturais ou sintéticos e possuem subdivisão em duas classes: estáticos e microbicidas. Estes são responsáveis pela morte do patógeno. Aqueles, são capazes de suprimir o desenvolvimento do microrganismo. Além disso, os antibióticos que têm origem naturais, sendo essa classe a maioria, podem ser agrupados em β -lactâmicos (como a penicilina, cefalosporina e outros), tetraciclina, aminoglicosídeos, macrolídeos, peptídeos cíclicos, estreptograminas, dentre outros. Enquanto que os origens sintéticas são organizados em sulfonamidas, oxazolidonas e fluoroquinolonas. (Guimarães, et

al., 2010).

Além disso, é relevante salientar que a prescrição de antibióticos é uma prática clínica rotineira, existindo àqueles indivíduos que os utilizam de forma incorreta, provocando danos à sua saúde (Nascimento, 2005), seja ela por falta de conhecimento sobre o medicamento, ou por conhecimento empírico do próprio indivíduo ou de terceiros.

Dessa maneira, é indubitável que os antibióticos têm como finalidade curar infecções causadas por bactérias que, em algumas situações, podem levar à morte. Sendo assim, é necessário que o indivíduo que o consome tenha informações básicas sobre tal medicamento e como realizá-lo, seguindo sempre as prescrições e recomendações passadas pelo médico (Portal do CFF, 2011).

3.2 Seleção, resistência e reações adversas.

No que diz respeito aos riscos gerados pela utilização de antibióticos, foi constatado que há um conhecimento dos perigos dos antibióticos, como seleção de bactérias resistentes e reações adversas. O que representa um ponto positivo para o processo de promoção à saúde, uma vez que o uso indevido dessa medicação pode provocar doenças e/ou dificuldades na condução de tratamentos. Sobre a pergunta “quais os riscos gerados da utilização de antibióticos” tiveram respostas, tais quais:

“Resistência dos microorganismos”

“Seleção das bactérias mais resistentes”

“Tornam as bactérias mais resistentes, quando não utilizados de forma correta”

“Reações adversas graves”

“o uso desregrado pode causar problemas em alguns órgãos e aumentar a resistência dos microorganismos que estão causando a doença”

Os microrganismos tanto podem ser nocivos ao ser humano quanto podem compor a microbiota, logo utilizar inadvertidamente antibióticos sem a prescrição médica e sem saber a identificação das bactérias, apesar de ser uma prática rotineira, quando usada sem critérios pode causar diversas alterações no organismo. Essa utilização indiscriminada causa o aparecimento de sinais e sintomas que desestabilizam o sistema como um todo, além de favorecer a resistência bacteriana (Brito, et al., 2022). Esta se configura pela ineficácia dos antibióticos diante de uma infecção, pode ser uma resistência natural ou adquirida.

O uso indiscriminado configura a chamada resistência adquirida enquanto que a natural é reflexo de uma propriedade específica das bactérias (Serra Valdés, 2017). Logo, é imprescindível que à medida que essa resistência se multiplique, na mesma proporção se encontrem os fármacos alternativos. Entretanto, o processo de investimento e início da produção de um antibiótico é lento e oneroso, os medicamentos “novos” acabam por serem até semelhantes aos atuais e com isso pressagiam uma emergência médica em se tratando de superbactérias (Soares & Garcia, 2020).

3.3 Dificuldade de acesso, orientações e conhecimento.

Quando questionados sobre a motivação da realização do uso de antibióticos sem prescrição médica, foi constatado como fatores o fácil acesso nas farmácias, dificuldade em obter uma consulta médica pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e conhecimento empírico ou de terceiros da utilização de tais medicamentos. Algumas respostas são destacadas a seguir:

“A demora em conseguir uma consulta pelo SUS, quando o seu problema é de extrema urgência. Como por exemplo, uma infecção urinária”.

“Já ter tido a doença antes e saber o que usar”.

“Dificuldade em conseguir consulta com um profissional.”

“O fácil acesso, e para não perder tempo indo ao médico”

“Dificuldade de uma consulta médica e fácil acesso em algumas farmácias”

Dessa forma, em nosso estudo apenas 34% responderam que utilizam antibióticos com prescrição médica. É notório que indivíduos ainda os realizam sem o acesso devido por adversidades encontradas no SUS, falta de cumprimento pelas farmácias da resolução n.º 20 da ANVISA de 2011 (Brasil, 2011) e sua monitorização pelos órgãos de controle, bem como o conhecimento prévio de hábitos de uso, seja ela por infecções iguais ou parecidas anteriores, ou por acometimento da mesma doença por terceiros que aconselham a realizar o uso de antibióticos sem antes haver uma avaliação.

Diversos são os motivos que levam as pessoas a utilizarem de modo indiscriminado os antimicrobianos, como informação equivocada sobre o uso desses medicamentos, bem como farmácias que vendem sem a necessidade de apresentação de receita. A curto, e longo prazo as consequências dessas atitudes começam a surgir, como: diminuição da eficácia dos antibióticos, aumento da mortalidade, aumento de pessoas hospitalizadas e o prolongamento de doenças (de Brito & Trevisan, 2021). A partir disso, entende-se que não há um controle eficaz em se tratando de antibióticos no Brasil, devido a isso a automedicação e o uso desenfreado são tão significativos.

No Brasil, há um sistema público que deve assegurar atendimento integral a todos os cidadãos, como é previsto pela Lei Federal n. 8.080/1990, onde instaurou a regulamentação do SUS, prevendo no seu Artigo 7º a universalidade ao acesso, integralidade e equidade. Contudo, na prática a situação observada reflete falhas. Segundo um estudo realizado em 6 (seis) Unidades Básicas de Saúde (UBS) de São Paulo, os usuários relataram demora no atendimento, falta de médicos e a alta rotatividade desses, bem como a demora do dia do agendamento até o dia da consulta (Campos *et al.*, 2014), bem como experiências vividas pelo próprio indivíduo ou por terceiros, como familiares e amigos, que os motivam a realizar a automedicação (Vitor, et al., 2008).

Quando questionados sobre as orientações repassadas pelo médico, durante a consulta, a respeito do tratamento realizado com antibióticos, observou-se a deficiência de informações, em 4 pessoas que relataram não ter recebido ou que receberam poucas recomendações, tais respostas são descritas a seguir:

“Tomar nos horários certos.”

“Nunca tive orientação sobre”

“Nenhuma”

“Tomar durante 7 dias”.

“Tomar durante o período e somente sob prescrição médica”

Chama atenção a insuficiência ainda de informações dada sobre a realização do tratamento, o que pode ser um fator que corrobora para o surgimento de diversas situações indesejadas. Tais como a falha terapêutica, evolução para quadros mais graves, seleção e resistência bacteriana. Dessa forma, afirma-se a responsabilidade do médico em explicar da melhor forma sobre a terapêutica estabelecida, bem como as possíveis complicações e riscos quando não realizada de forma correta.

Além disso, com o questionário foi possível observar que 17 pessoas responderam “não utilizar antibióticos sem prescrição médica”, ou seja, 34% do público realiza uso adequado dessa medicação com receita. Vale ressaltar, também, que

apenas 12% (n=6) indivíduos desconheciam os perigos acerca do uso incorreto, o que pode significar esclarecimento de grande parte do público pesquisado sobre os riscos envolvidos.

Ainda no que diz respeito às orientações médicas repassadas sobre o uso dos medicamentos antimicrobianos, também houve um conhecimento acerca de cuidados gerais, como: utilizar no período adequado, no horário correto, evitar bebidas alcoólicas, não suspender o tratamento e possibilidade de reações adversas.

No interior do estado do Rio Grande do Sul, em estudo com acompanhantes de crianças que foram atendidas nas UBS de uma cidade, alguns dos entrevistados (30,1%) relatam que não compreenderam a prescrição médica. Este fato decorre, provavelmente, do vocabulário complexo utilizado, ineficaz organização da comunicação de informações e da caligrafia ilegível, sendo que esses componentes dificultam o entendimento e o uso assertivo dos medicamentos prescritos para o tratamento (Menezes, et al., 2009).

Além da falha nas indicações a respeito da melhor forma de realizar-se o tratamento com antibióticos, observa-se que o problema de informações insuficientes se deve, muitas vezes, pela própria falta de conhecimento dos prescritores sobre as medicações. Em estudo realizado no Hospital Regional de Pombal-PB, foi detectado alto índice de erros de dose, frequência de administração e interações medicamentosas, demonstrando baixa compreensão da antibioticoterapia pelos profissionais de saúde (Nóbrega et al., 2014).

3.4 Interrupção ou falha no tratamento e aumento da eficácia.

Sobre a adesão ao tratamento com a pergunta “Você costuma usar o antibiótico como prescrito? Por quê?”, foi possível observar que indivíduos que interrompem o medicamento, não utilizam conforme a receita por receio dos danos e desinformação. Porém, ainda houve aqueles que aderiram a prescrição por buscarem a efetividade do tratamento. Destacam-se respostas, tais quais:

“Utilizo mais ou menos de forma prescrita, às vezes esqueço de tomar e tomo no horário errado”

“Só utilizo da maneira prescrita quando é caso grave”

“Não costumo utilizar, pois quando me sinto bem não vejo necessidade de continuar tomando”

“Na medida do possível, pois sei que a eficácia é alterada pelo uso fora do padrão”

“utilizo da maneira prescrita pra tentar ser eficaz”

Guimarães, et al. (2010) afirmam que os principais motivos para não se obter um tratamento eficaz estão centrados principalmente na consulta, onde a falta de informações, ausência ou má orientação culminam no abandono abrupto do tratamento, esquecem horário de administração das doses ou mesmo utilizam-nas de maneira desnecessária. Dessa forma, é válido ressaltar que a administração de forma errônea desses medicamentos favorece o aparecimento de inúmeros efeitos adversos como: reações alérgicas, náuseas e diarreia (Barbosa, 2014). Logo, é de suma importância que as informações repassadas ao paciente sejam claras e compreensíveis sobre a posologia, horários de administração, efeitos adversos bem como danos que serão causados quando o paciente utilizar a medicação de forma inapropriada (Kadosaki, et al., 2012).

3.5 Utilização em larga escala durante a pandemia, consciente e/ou inconsciente.

Acerca da utilização dos medicamentos, um ponto alarmante é ressaltado sobre o uso de antibióticos, como Azitromicina, para o tratamento do vírus da COVID-19 (Freires & Junior, 2022). Isto retrata um desconhecimento acerca das infecções e utilização de antibióticos, embora haja um relativo conhecimento acerca dos antimicrobianos, como ressaltado na

categoria anterior. Estiveram presentes respostas, tais quais:

“Utilizei Azitromicina quando contrai o COVID-19”

“Fiz uso da Azitromicina no pico da pandemia, pois estava ruim da garganta”

“Fiz uso de Azitromicina, porque estava com sintoma de COVID”

Durante o ápice da pandemia do COVID-19 houve um crescimento exacerbado do uso de antibióticos. O Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados anunciou que durante esse momento mais crítico da pandemia as vendas do antibiótico Azitromicina aumentaram aproximadamente 31%. Devido à ausência de indicação de uso desse fármaco, infere-se que a automedicação seja um dos elementos para explicar esse aumento. Além disso, uma pesquisa realizada em 2018 pelo Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade afirma que 79% da população adulta fez uso de medicamentos sem prescrição médica (Melo *et al.*, 2021).

Esse aumento expressivo das vendas de antibióticos teve basicamente dois motivos: possibilidade de tratamento preventivo e tentativa de impedir possíveis complicações futuras. Envolto em desinformação e medidas controversas muitos indivíduos recorreram a esses medicamentos. Todavia, é válido ressaltar que não existe comprovação científica que justifique a eficácia desses fármacos nesses casos (de Oliveira, et al., 2021).

Como limitação foi utilizado nesta pesquisa o meio remoto para a coleta de dados, que pode impactar na imersão dos dados qualitativos e de certa forma limitar a percepção e interpretação dos pesquisadores. Para superar essa situação optou-se por aproveitar todos os dados coletados para análise das categorias.

4. Conclusão

Nesta pesquisa, a Análise de Conteúdo foi ponto ímpar para a interpretação qualitativa das alegações individuais oferecidas. A partir dessa investigação, foi notório o conhecimento sobre a finalidade dos antibióticos, mas também de seu uso indiscriminado uma vez que houve grande uso dessa classe de medicamentos, especialmente durante a pandemia de COVID-19.

Ademais, outro fator que contribui para o uso irracional de antimicrobianos é a dificuldade, associada às vezes a demora, de acesso a consultas oferecidas pelo SUS, bem como a facilidade de acesso em farmácias que não estão em conformidade com a resolução n.º 20 da ANVISA de 2011 (Brasil, 2011), além do conhecimento empiricamente difundido acerca de sua utilização em algumas enfermidades.

Em geral, os participantes demonstraram entendimento acerca dos riscos desses medicamentos, sobretudo no que diz respeito à resistência bacteriana e aos seus efeitos adversos. Entretanto, como pontos negativos, relataram que ainda há insuficiência das informações repassadas pelos prescritores e que houve a interrupção do tratamento ou uso inadequado dos antibacterianos.

Por fim, é evidente a importância da difusão de informações com embasamento científico acerca do uso adequado de antibióticos. Assim, espera-se que este estudo reverbera nas percepções certas sobre as suas indicações e os danos causados a fim de conquistar os benefícios esperados dos tratamentos. Além disso, é necessário que mais estudos sejam realizados a fim de indicar o grupo populacional mais afetado pela automedicação, com o objetivo de promover ações específicas e direcionadas.

Agradecimentos

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e ao Programa Institucional Voluntário de Iniciação (PROPESP/PIVIC/UFPA).

Referências

- Barbosa, L. A. (2014). Resistência bacteriana decorrente do uso abusivo de antibióticos: informações relevantes para elaboração de programas educativos voltados para profissionais da saúde e para a comunidade. *Acervo da Iniciação Científica* (1).
- Bardin, L. (2012). Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. *Revista eletrônica de educação*. São Paulo, 6(1), (ed. 70), 383-387.
- Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (2011). Resolução de Diretoria Colegiada — RDC n.º 20, de 5 de maio de 2011. Dispõe sobre o controle de medicamentos à base de substâncias classificadas como antimicrobianos, de uso sob prescrição, isoladas ou em associação. Biblioteca Virtual em Saúde. Brasil.
- Brito, A. M. G., Versiani, A. P., Dias, M. T. S., & Piris, A. P. (2022). Uso indiscriminado de antibióticos: uma revisão integrativa. *Bionorte*, 11(1), 219–225.
- Campos, R. T. O., Ferrer, A. L., da Gama, C. A. P., Campos, G. W. S., Trapé, T. L., & Dantas, D.V. (2014). Avaliação da qualidade do acesso na atenção primária de uma grande cidade brasileira na perspectiva dos usuários. *Saúde debate*. Rio de Janeiro, 38, 252-264.
- De Brito, G. B., & Trevisan, M. (2021). O uso indevido de antibióticos e o eminente risco de resistência bacteriana. *Revista Artigos. Com*, 30, e7902-e7902.
- De Oliveira, L. J., Silva, K. S., & Gonçalves, A. C. S. (2021). Aumento do Uso de Antibióticos Durante a Pandemia do COVID-19 em Cidades no Interior de Minas Gerais. *RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218*, 2(8), e28617. <https://doi.org/10.47820/recima21.v2i8.61>.
- Fidler, D. P. (1998). Legal issues associated with antimicrobial drug resistance. *Emerging Infectious Diseases*. Atlanta, 4(2),169-77.
- Freires, M. S., & Junior, O. M. R. (2022). Resistência bacteriana pelo uso indiscriminado da azitromicina frente a Covid-19: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 11(1), e31611125035-e31611125035.
- Guimarães, D. O., Momesso, L. D. S., & Pupo, M. T. (2010). Antibióticos: importância terapêutica e perspectivas para a descoberta e desenvolvimento de novos agentes. *Química Nova*, 33, 667-679.
- Interagency Coordination Group on Antimicrobial Resistance (IACG) (2019). No time to wait: securing the future from drug resistant infections. Report to the Secretary General of the United Nations. [ACG https://www.who.int/docs/default-source/documents/no-time-to-wait-securing-the-future-from-drug-resistant-infections-en.pdf?sfvrsn=5b424d7_6](https://www.who.int/docs/default-source/documents/no-time-to-wait-securing-the-future-from-drug-resistant-infections-en.pdf?sfvrsn=5b424d7_6).
- Kadosaki, L. L., Sousa, S. F., & Borges, J. C. M. (2012). Análise do uso e da resistência bacteriana aos antimicrobianos em nível hospitalar. *Revista Brasileira de Farmácia*. 93(2): 128-135.
- Lawrence, J. G. (2000). Clustering of antibiotic resistance genes: beyond the selfish operon. *ASM News*. Washington, 66(5), 281-286.
- Melo, J. R. R., Duarte, E. C., Moraes, M. V., Fleck, K., & Arrais, P. S. D. (2021). Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cadernos de Saúde Pública*, 37: e00053221.
- Menezes, A. P. S., Domingues, M. R., & Baisch, A. L. M. (2009). Compreensão das prescrições pediátricas de antimicrobianos em Unidades de Saúde em um município do sul do Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 12, 478-489.
- Nascimento, M. C. (2005) Medicamentos, comunicação e cultura. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 10, 179-193.
- Nóbrega, P. F., Oliveira, M. A., Gomes, R. A., Procópio, J. V. V., & de Medeiros, V. M. (2014). Uso de antimicrobianos na cidade de Pombal - PB. *Revista Interdisciplinar em Saúde*. Cajazeiras, 1 (2), 305-319.
- O'Neil, J. (2014). Review on Antibiotic resistance. *Antimicrobial Resistance: Tackling a crisis for the health and wealth of nations*. *Heal. Wealth Nations*, 1-16.
- Pasinato, R. (2011). Uso inadequado de antibióticos e suas consequências ao SUS. *Monografia de conclusão de curso*. Rio Grande do Sul, 1-25.
- Portal Do Conselho Federal De Farmácia – CFF. A Anvisa inclui serviços farmacêuticos no controle de antimicrobiano. 2011. <<https://www.cff.org.br/noticia.php?id=654>>.
- Rehman, M., Ahmed, S., Ahmed, U., Tamanna, K., Sabir, M. S., & Niaz, Z. (2021) An overview of self-medication: A major cause of antibiotic resistance and a threat to global public health. *Narrative Review*. Pakistan, 71(3), 943-943.
- Sampaio, P. D. S., Sancho, L. G., & Lago, R. F. D. (2018). Implementação da nova regulamentação para prescrição e dispensação de antimicrobianos: possibilidades e desafios. *Cadernos Saúde Coletiva*, 26, 15-22.
- Santos, J. R. (2017). Avaliação da procura de antibióticos sem receita médica por clientes de três farmácias no município de Cruz das Almas - BA. *Monografia de curso*. Bahia, 1-58.
- Serra Valdés, M. A. S., (2017). La resistencia microbiana en el contexto actual y la importancia del conocimiento y aplicación en la política antimicrobiana. *Revista Habanera de Ciencias Médicas*, 16(3), 402-419.

Soares, I. C., & Garcia, P. D., (2020). Resistência Bacteriana: a Relação Entre o Consumo Indiscriminado de Antibióticos e o Surgimento de Superbactérias. Faculdade Atenas, 1-19.

Vitor, R. S., Lopes, C. P., Menezes H. S. & Kerkhoff, C. E. (2008). Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio Grande do Sul, 13, 737-743.

Weckx, L. (2012) Antibiotics: from use to abuse. *Brazilian Journal of Otorhinolaryngology*. São Paulo, 78, 2-2.

World Health Organization. (2014). The rational use of drugs: report of the Conference of Experts. 1987. Geneva: World Health Organization.